

Territórios da degradação do trabalho: os impactos na saúde e na vida dos trabalhadores de frigoríficos de aves e suínos no Brasil

Fernando Mendonça Heck¹
Antônio Thomaz Júnior²

Resumo: O objetivo desse artigo é demonstrar como o trabalho em frigoríficos é degradante. Para isso, nos amparamos na bibliografia sobre o trabalho em frigoríficos, bem como de casos concretos de adoecimento no setor, como as informações obtidas junto ao Ministério Público do Trabalho (MPT). Valemos-nos também de entrevistas junto aos trabalhadores da Sadia, em Toledo (PR), objeto da nossa investigação, com as atenções voltadas para os impactos nas condições de trabalho, de vida e de saúde. Os resultados da pesquisa com essas fontes têm demonstrado que há inúmeros casos de adoecimento dos trabalhadores o que demarca os frigoríficos como *territórios de degradação do trabalho*.

Palavras-chave: Território, Degradação do Trabalho, Acidentes e Doenças Relacionados ao Trabalho.

Abstract: The aim of this paper is to demonstrate how degrading the labour in meatpacking is. For this, we used the bibliography on the job in meatpacking, as well as specific cases of illness in the sector, such as the information obtained from the Public Ministry of Labor (MPT). We also conducted interviews with the workers of Sadia in Toledo (PR), object of our investigation, with attention focused on the impacts on working conditions, health and life. Research results on these sources have shown that there are numerous cases of illnesses among the workers, which classify the meatpacking plants as work degradation territories.

Keywords: Territory, Degradation of Work, Accidents and Work-related Diseases.

Introdução

O Brasil é o maior exportador de carne de frango do mundo, mesmo destinando apenas 30,2% da sua produção para exportações em 2011 (UBABEF, 2011). Terceiro país do *ranking* de produção de carne de frango do mundo, perde apenas para os

¹ Mestrando em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT)/Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) - Campus de Presidente Prudente. Membro do CEGeT – Centro de Estudos de Geografia do Trabalho e do GEOLUTAS – Geografia das Lutas no Campo e na Cidade. Email: fernandomheck@gmail.com.

² Professor dos Cursos de Graduação e de Pós-Graduação em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT)/Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) /Presidente Prudente. Coordenador do Grupo de Pesquisa "Centro de Estudos de Geografia do Trabalho" (CEGeT)/Laboratório; e do Observatório do Trabalho István Mészáros (OTIM). Pesquisador 1/PQ/CNPq. Email: thomazjrgeo@terra.com.br.

Estados Unidos e China, performance que garante a esse setor de atividade liderança e importância interna e externa (USDA, 2011³).

A produção brasileira de frangos teve um crescimento de 118% no período de 2000-2011, e a exportação no mesmo período cresceu 330%, já em 2011 o Brasil produziu 13,058 milhões de toneladas de carne de frango, sendo que destas exportou 3,942 milhões, o que repercutiu numa receita cambial de U\$8,253 milhões.

As exportações de frango alcançam mais de 150 países do mundo, e o principal é o Oriente Médio, com 35,8%; em seguida vem a Ásia, com 28,9%; a África, com 12,6%; a União Europeia, com 12,3%; as Américas, com 7,3% etc. (UBABEF, 2011).

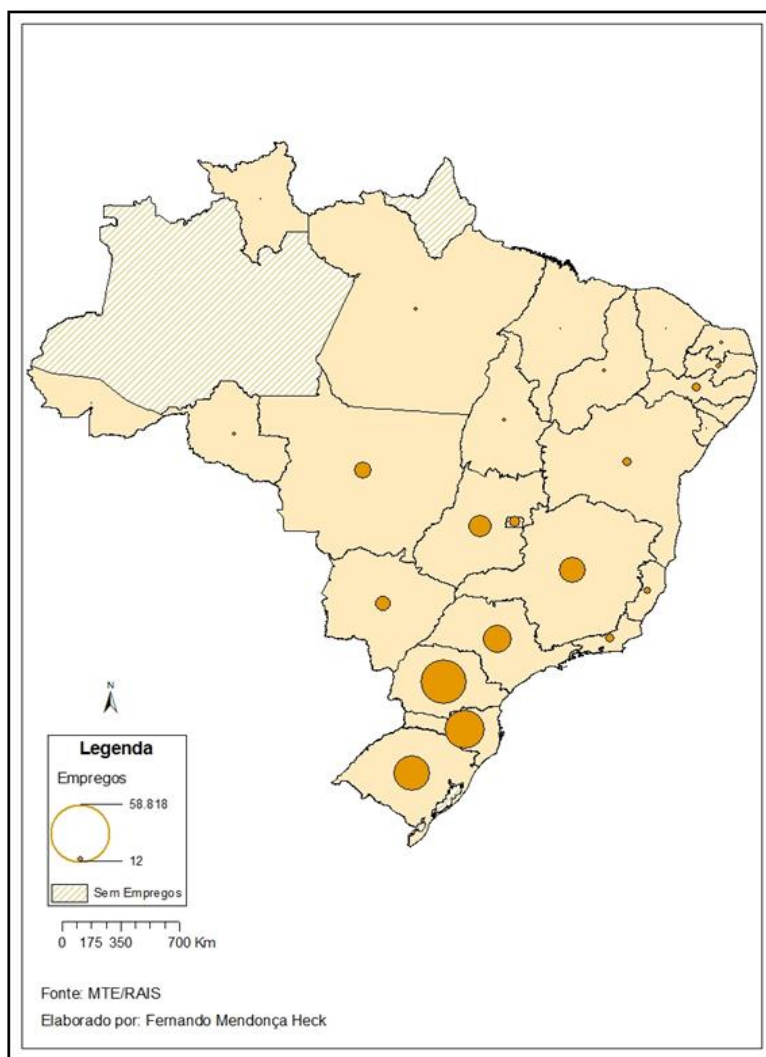
A carne suína brasileira também ocupa lugar de destaque, pois o Brasil é o 4º colocado em produção em nível mundial, e o 4º em exportação (USDA, 2011). Somente no período que compreende abril de 2011 e março de 2012 as exportações de carne suína geraram U\$ 1,438 milhões (ABIEPCS, 2011).

As exportações da carne suína alcançaram cerca de 130 países no mundo e os principais destinos em toneladas exportadas no ano de 2011 foram: Hong Kong 25,1%, Rússia 24,4%, Ucrânia 11,9%, Argentina 8,1%, Angola 7,3% etc. (ABIEPCS, 2011).

O Brasil está, então, entre os quatro principais países do mundo na produção e exportação de carnes de suínos e frango. Dessa maneira, há também a geração de empregos no país, estimados em 500 mil para abate de frangos e suínos. O emprego no setor em território nacional concentra-se majoritariamente no Sul com 60% dos postos de trabalho. Na região há um grande número de empresas abatedoras de aves e suínos e onde se localiza 65% dos abates de suínos (IBGE, 2011) e 62% dos abates de frango (UBABEF, 2011) (Figura 1).

³ Os dados do United States Department of Agriculture (USDA) foram obtidos através da base de dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) intitulada Central de Informações de Aves e Suínos (CIAS). Disponível em: <<http://www.cnpsa.embrapa.br/CIAS/dados/mapa.php>> (Acesso em 22/08/2012).

Figura 1 – Espacialização do Emprego em Abate de Frangos e Suínos no Brasil (2010)



Fonte: MTE/RAIS, 2010. Elaboração: Fernando Mendonça Heck.

Essas informações quantitativas do setor, antes de indicarem “desenvolvimento e progresso para todos”, aos trabalhadores têm suscitado a imposição de um ambiente de trabalho hostil nas linhas de produção, que os mutila e os faz adoecer. Por exemplo, estima-se que 23% da mão de obra do setor no Brasil esteja afastada ou no aguardo de decisões judiciais em virtude das doenças ocupacionais (FTIA-PR, 2011, p.1).

Portanto para entender esses números é preciso conhecer a realidade social do trabalho nos frigoríficos, daí o importante papel das pesquisas empíricas, amparadas em metodologias e dinâmica qualitativas, capazes de apurar o movimento e a situação do trabalho no ambiente de realização da irracionalidade sistêmica do capital. O referencial teórico seguido por nós se aproxima dos autores que entendem ser preciso compreender o mundo do trabalho sob o signo do sistema metabólico do capital para apreender as doenças/acidentes de trabalho, pois, estes estão menos relacionados a problemas biológicos e mais têm a ver com o processo social, marcado pela imposição da

exploração, subalternidade, violência, descumprimento do código de leis, truculência e ganância do capital (LOURENÇO, 2009; THOMAZ JUNIOR, 2011a).

E as marcas da degradação do trabalho irão ocorrer em diferentes escalas territoriais, pois seja em qual setor de atividade for, o trabalho é precarizado (ANTUNES, 1999). O que pressupõe pensar o território como um conceito multiescalar, para além da sua formatação dentro dos limites territoriais do Estado-Nação. Isso porque, identificar as marcas territoriais do trabalho (THOMAZ JUNIOR, 2011b), pressupõe entender o território na sua multiescalaridade.

Portanto, a degradação do trabalho, relacionada ao adoecimento físico e mental dos trabalhadores, em território fabril dos frigoríficos não é caso isolado, pois, nos *call centers*, por exemplo, sete em cada dez trabalhadores sofre de depressão ou síndrome do pânico (VENCO, 2008), na cana em apenas um ano foram treze mortes em canaviais paulistas como seu José Mário Alves Gomes de 47 anos que após cortar 25 toneladas de cana para o grupo Cosan teve enfarte (SILVA, 2006) e nos frigoríficos a chance de desenvolver tendinite na desossa de perna de frango é 743% superior a outros setores da economia conforme o Ministério da Previdência Social (MPS).

Tais informações, preocupantes, demonstram que o trabalho sob o signo do capital é marcado pela exploração, precarização e degradação do corpo do homem que trabalha. Por isso, os acidentes/doenças do trabalho estão mais relacionados à imposição de um modelo de sociedade emergido historicamente, do que com predisposições biológicas, ou “atos falhos” que “culpabiliza” os trabalhadores.

Deste modo é preciso compreender que o metabolismo social do capital (MÉSZÁROS, 2009; 2002) nasce da imposição de mediações de segunda ordem que reduzem o trabalho a mera mercadoria vendável (MARX, 2004).

Esse metabolismo social do capital é que reduz a condição ontológica da humanidade que é o trabalho produtor de valores uso, aos fins reificados da reprodução do capital. Assim, o trabalho se torna a negação do humano sob o domínio das mediações alienantes do capital e é por isso que não há consideração pela saúde e vida dos trabalhadores (MARX, 1985).

A compreensão desta segunda ordem de mediações historicamente determinadas é basilar para entender o adoecimento no trabalho em inúmeros territórios desde os *call centers* ao território fabril dos frigoríficos, e não entendê-los como meros fatos “acidentais” frutos de “ações descuidadas” dos trabalhadores, pois estes casos são marcas do ambiente de trabalho voltado para a realização do capital.

É isso que procuraremos demonstrar a seguir focando no trabalho em frigoríficos que abatem e processam carne de frango e suínos.

O adoecimento no setor frigorífico: nas múltiplas escalas territoriais

As atividades laborais em frigoríficos no Brasil e no mundo tem colocado em risco a saúde dos trabalhadores. A grande quantidade de movimentos repetitivos realizados os têm levado a inúmeras Lesões Por Esforço Repetitivo (L.E.R), que também são conhecidas como Doenças Osteomusculares Relacionadas com o Trabalho (DORT), as LER/DORT, bem como, as doenças psicológicas, sem contar as mutilações etc.

Portanto, é preciso que conheçamos esses territórios para compreender as relações de trabalho impostas aos trabalhadores. Os resultados da nossa pesquisa de mestrado têm apontado que a experiência de trabalho em frigorífico pode trazer consequências irreversíveis, como a invalidez para muitos destes trabalhadores. Assim, temos entendido os frigoríficos como *territórios de degradação do trabalho* com impactos na saúde e na vida do sujeito que trabalha.

Para demonstrar esse grande risco de adoecimento, investigamos bibliografia sobre o setor, que foram cruciais, bem como os dados disponibilizados pelo Ministério Público do Trabalho (MPT), através principalmente das Ações Civis Públicas (ACP) ajuizadas contra diversas empresas do setor de frigorificação de carnes, no Brasil. Enfatizamos também o material que conseguimos levantar por meio dos trabalhos de campo realizados por nós, e, sobretudo as entrevistas junto a trabalhadores da Sadia em Toledo (PR), e a análise documental junto ao MPT (PTM de Cascavel), bem como das contribuições de relatórios, artigos e pesquisas sobre o trabalho nas atividades de frigorificação de carnes em escala internacional.

Das contribuições dessa bibliografia internacional é possível afirmar que o emprego nas atividades de frigorificação de carnes impõe condições de trabalho degradantes e podem adoecer os trabalhadores, na mesma monta que o Brasil, embora existam algumas peculiaridades como o trabalho dos migrantes ilegais latino-americanos no caso dos Estados Unidos (JACOBS et.al. 2011).

Cintas (2011) analisando o relatório da Human Rights Watch (HRW) intitulado *Blood, Sweat and Fear: worker’s rights in the U.S. meat and poultry plants*⁴, publicou um artigo sob o título “Trabajadores en el matadero: la seguridad y salud en la industria cárnica y avícola norteamericana una asignatura pendiente”⁵. No texto realçou alguns dados com base em estatísticas da Occupational Health and Safety Administration (OSHA) para o ano 2000, em que “más del 14% de los trabajadores em mataderos avícolas habian sufrido heridas en su trabajo, doblando el promedio de todas las industrias privadas” (CINTAS, 2011, p.2)⁶. E também ressaltou que “los trabajadores avícolas tienen también 14 veces más posibilidades de sufrir afecciones invalidantes provocadas por traumas repetitivos (...)” (CINTAS, 2011, p.2)⁷.

A organização não-governamental GRAIN, em sua reportagem publicada em 2010 demonstra que o trabalho intenso e repetitivo é algo existente nos frigoríficos avícolas estadunidenses:

Hoy, el obrero promedio en las plantas avícolas estadounidenses repite los mismos movimientos de 10 mil a 30 mil veces por turno, y la industria de la carne se volvió el sitio más peligroso para trabajar en Estados Unidos⁸ (GRAIN, 2010, p.28).

Outro fato marcante no caso dos EUA é que os trabalhadores em sua maioria são imigrantes, especialmente latinos, em condições ilegais no país, e ficam expostos a violações dos seus direitos, ameaças, coação etc.

Inclusive segundo Grain (2010, p.28) essa foi uma estratégia das empresas norte-americanas, pois os trabalhadores estadunidenses estavam organizando sindicatos combativos que, “(...)forzaron a las compañías a otorgar condiciones decentes de trabajo e salario”⁹. E, para acabar com a mobilização, dos trabalhadores, as empresas começaram a contratar o trabalho dos imigrantes, geralmente ilegais, sem direitos trabalhistas assegurados nos Estados Unidos.

Mas, em que pese essa diferença entre o emprego de imigrantes nos EUA para com a realidade brasileira, a observação das condições de trabalho não demonstra

⁴ “Sangue Suor e medo: direitos dos trabalhadores em frigoríficos bovinos e avícolas dos Estados Unidos”. Tradução Livre.

⁵ “Trabalhadores em frigoríficos: A segurança e a saúde na indústria de bovinos e aves norteamericana, um assunto pendente”. Tradução livre. Disponível em: <<http://www.periodistes.org/entblog/44876>> (Acesso em 18/05/2012).

⁶ “mais de 14% dos trabalhadores de frigoríficos de aves tinham sofrido acidentes no trabalho o dobro da média de todas as empresas privadas”. Tradução livre.

⁷ “Os trabalhadores de frigoríficos de aves são também 14 vezes mais propensos a sofrer de condições incapacitantes causadas por esforços repetitivos (...)”. Tradução livre.

⁸ “Hoje o trabalhador nas plantas avícolas estadunidenses repete os mesmos movimentos de 10 mil a 30 mil vezes por turno, e a indústria da carne se tornou o lugar mais perigoso para trabalhar nos Estados Unidos”. Tradução livre.

⁹ “(...) forçaram as companhias a oferecer condições decentes de trabalho e salário”. Tradução livre.

diferenças gritantes. O relatório da HRW comprova que os trabalhadores americanos também perfazem jornadas extenuantes, como de dez a doze horas diárias¹⁰.

Ainda, com base num depoimento de especialista que trabalha numa clínica de Northwest (Arkansas), prestadora de serviços aos trabalhadores de frigoríficos avícolas percebe-se que:

Según el mismo, existen “problemas relacionados con la estricta imposición de horas extras de trabajo en las plantas. Los pacientes me explican que tienen que trabajar de diez a doce horas diarias, seis días a la semana. Detecto muchos problemas psicológicos además de las lesiones físicas. Este implacable sobreesfuerzo es causa de fatiga y depresión en muchos de los pacientes” (CINTAS, 2011, p.3)¹¹.

As informações apresentadas demonstram que o trabalho degradante, repetitivo e que pode adoecer está presente nos frigoríficos norte-americanos. Portanto, a atividade de frigorificação de carnes tem essa marca em comum, desde a escala local, até os casos internacionais.

Vejamos alguns exemplos de frigoríficos brasileiros.

Os dados de acidentes de trabalho que compreendem o setor frigorífico em todo o Brasil, embora subnotificados são relevantes. Isso porque se compararmos a quantidade de empregos em 2010 no setor para o Brasil (236.371 empregos), segundo a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), com a quantidade de acidentes de trabalho do curto período 2006-2010, do Ministério da Previdência Social (MPS), indica que 23,5% desse conjunto de trabalhadores já teria sofrido alguma enfermidade no trabalho.

Outra informação relevante foi publicada pela Procuradoria Regional do Trabalho do Paraná (PRT-12ª região), ou seja, “dos 750 mil¹² funcionários nas empresas frigoríficas do Brasil, cerca de 150 mil sofrem algum distúrbio osteomuscular, como lesões por esforço repetitivo (LER), e já recorreram ao auxílio-doença” (PRT 12ª REGIÃO, 2012)¹³.

Outro caso de relevada significância é a Ação Civil Pública (ACP) nº3497-

¹⁰ Os brasileiros também perfazem tais jornadas e até maiores. Para ficar com o exemplo da Sadia de Toledo (PR): “(...) a ré vem submetendo seus empregados, de forma habitual, a jornadas superiores a 10 horas, com duração de carga diária de trabalho de até 19 horas e 22 minutos” (ACP nº01428-2010-068-09-00-5, p.48).

¹¹ “Segundo ele mesmo, existem ‘problemas com a imposição estrita de horas extras de trabalho nas fábricas. Os pacientes me explicam que tem de trabalhar de dez a doze horas diárias, seis dias por semana. Detecto muito problemas psicológicos além de lesões físicas. Este esforço incansável causa fadiga e depressão em muitos pacientes’”. Tradução livre.

¹² Isso corresponde a totalidade dos trabalhadores em frigoríficos de aves/suínos/bovinos. Deste número, estima-se que 500 mil estejam vinculados ao abates de aves e suínos objetos da nossa pesquisa.

¹³ Fonte: <http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2012_02/13_02.php> (Acesso em: 30/04/2012).

2008-038-12-00-0, movida pelo MPT de Santa Catarina, contra a Brasil Foods¹⁴(BRF) de Chapecó (SC), pois demonstra que, em cinco anos (2004-2009) cerca de 20% dos seis mil trabalhadores receberam benefícios previdenciários em razão das doenças osteomusculares (1.213 trabalhadores)¹⁵. Na mesma empresa em sua unidade localizada em Capinzal (SC), conforme matéria publicada pela Procuradoria Regional do Trabalho do Paraná (PRT-9ª Região), no dia 12 de dezembro de 2011, há informação de que 20% dos 4.500 trabalhadores têm algum tipo de doença ocupacional¹⁶.

Ainda, conforme a ACP nº 2545-25.2011.5.18.0101 movida contra a BRF de Rio Verde (GO) chegou-se aos dados de que os afastamentos por distúrbios osteomusculares (campeões nos afastamentos) no período de janeiro a setembro de 2011 tiveram uma média de 28 atestados por dia e 842 ao mês. No período foram totalizados 25.736 afastamentos do trabalho, média de 95 por dia e 2855 ao mês¹⁷.

A ACP movida contra a BRF de Videira (SC)¹⁸ traz dados extremamente relevantes do que sentem os trabalhadores com relação ao trabalho desempenhado no território fabril frigorífico. Através do relatório denominado “Análise das Condições de Trabalho em Áreas de Aves e Suínos, do Frigorífico de Videira da Empresa Perdigão Agroindustrial S/A, do Estado de Santa Catarina”, constatou-se que no universo de 1.546 entrevistados: 1) 68,1% manifestaram sentir dores causadas pelo trabalho na área de aves, e 65,3% na área de suínos; 2) 70,89% das posturas analisadas precisam de intervenção ergonômica no setor de aves e 95,5% no setor de suínos; 3) 24% dos trabalhadores manifestam dormir mal no setor de aves e 33,18% no setor de suínos; 4) 49,64% dos trabalhadores dizem se sentir nervosos no setor de aves e 50,43% no setor de suínos; 5) 12,26% manifestaram que já pensou em acabar com a própria vida no setor de aves e 13,46% no setor de suínos (Ação Civil Pública nº137-2009, p.29-30).

O Projeto Integrado de Saúde do Trabalhador Avícola (PISTA)¹⁹, realizado em 2006 por meio da Federação dos Trabalhadores das Indústrias da Alimentação do Rio Grande do Sul (FTIA-RS), estudou as condições de trabalho em frigoríficos avícolas

¹⁴ Empresa fruto da fusão entre Perdigão e Sadia aprovada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) com restrições em 2011.

¹⁵ Fonte e mais informações em: <http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2010_09/2010_09_29.php> (Acesso em: 23/03/2012).

¹⁶ Fonte e mais informações em: <http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2011_12/12_12.php> (Acesso em: 23/03/2012). O conteúdo da decisão judicial está disponível em: <<http://consultas.trt12.jus.br/SAP1/DocumentoListar.do?pdsOrigem=AUDIENCIAS&plocalConexao=joacaba&pnrDoc=200363>> (Acesso em 23/03/2012).

¹⁷ Fonte: <http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2012_04/19_04.php> (Acesso em:30/04/12).

¹⁸ ACP nº137-2009.

¹⁹ Do projeto surgiu o livro “Doenças do Trabalhador: a irresponsabilidade social do capital” organizado por Paulo Peixoto de Albuquerque e publicado pela editora Nova Harmonia no ano de 2007.

nesse estado. Foram realizados 1.200 questionários com trabalhadores do setor de 12 empresas situadas em 12 municípios²⁰. Os resultados alcançados apontou que cerca de 80% dos entrevistados fazem uso de analgésicos, anti-inflamatórios e antibióticos e pelo menos 20% utiliza remédios de tarja preta.

Trata-se de dados que mostram a face dramática da relação entre o trabalho desempenhado e o possível adoecimento físico e mental. O número de movimentos repetitivos na BRF de Videira também é revelado pela fiscalização realizada no ano de 2010. No setor de evisceração de frangos, a) são 60 ações por minuto na atividade de retirada e separação de vísceras (coração e fígado); b) entre 70 e 90 ações por minuto na retirada de vísceras de dentro da carcaça; na pendura de frangos, c) entre 80 e 120 ações por minuto; e no setor de embalagens, d) são 80 ações por minuto com o braço direito e 70 com o esquerdo para embalar/selar frangos inteiros. No setor de suínos, a) a atividade de retirar carne de cabeça são efetuadas 60 ações por minuto com braço direito, b) desossar a paleta são 80 ações por minuto com o braço direito e 50 ações com o esquerdo. No setor de industrializados, a) a atividade de grampear saco de salsicha com a máquina são efetuados 95 movimentos por minuto com a mão direita e 70 com a esquerda, b) ensacar salsicha com máquina são 42 ações por minuto (Ação Civil Pública nº137-2009, p.18-19).

Tais movimentos repetitivos ultrapassam os limites considerados seguros para manter um padrão de saúde e segurança do trabalho. Kilbom (1994) *apud* Sardá et. al. (2009, p.61) afirma que “o número de 25 a 33 movimentos por minuto não deveria ser excedido quando se deseja evitar transtorno aos tendões”.

No caso apresentado, o movimento repetitivo imposto aos trabalhadores chega a ser **três vezes** maior do que o limite considerado seguro. Certamente, somando a quantidade de movimentos com a pressão por produção, ambiente frio, insuficiência de pausas, trará consequências desastrosas para a saúde dos trabalhadores.

Na ACP nº01428-2010-068-09-00-5 movida contra a BRF/Sadia de Toledo (PR), objeto empírico de nossa investigação no Mestrado, também há um elevado número de ações técnicas por minuto realizado pelos trabalhadores (Tabela 1).

Tabela 1 – Movimentos repetitivos realizados pelos trabalhadores em três funções da Sadia em Toledo (2009)

²⁰ Cidades e Empresa: Lajeado (Avipal e Minuano), Marau (Perdigão), Montenegro (Doux-Frangosul), Caxias (Doux-Frangosul, Penasul, Nicolini e Frinal), Passo Fundo (Doux-Frangosul), Pelotas (Cosulati), Estrela (Languiru), Encantado (Cosuel), Roca Sales (Penasul), Erechim (Aurora), Porto Alegre (Avipal), São Sebastião do Caí (Agrosul).

ATIVIDADE	NÚMERO DE MOVIMENTOS/MINUTO	NÚMERO DE MOVIMENTOS/HORA	NÚMERO DE MOVIMENTOS/JORNADA
Refil de peito	Mão direita: 75 ações/minuto Mão esquerda: 80 ações/minuto	4.800 ações/hora em cada mão	36.000/38.400 ações por dia em cada mão
Desossa de coxa e sobrecoxa (perna)	Mão direita: 46 ações/minuto Mão esquerda: 46 ações/minuto	2.700 ações/hora em cada mão	22.000 ações por dia em cada mão
Evisceração (retirada de coração)	Mão direita: 140 ações/minuto Mão esquerda: 140 ações/minuto	8.400 ações/hora em cada mão	67.000 ações/dia em cada mão

Fonte: ACP nº01428-2010-068-09-00-5. Organização do autor.

Nessa investigação o MPT foi taxativo na sua argumentação sobre os relevantes números de movimentos repetitivos, pois eles geram “carga biomecânica e mental, *incompatíveis com a saúde e dignidade humana*” (Ação Civil Pública nº01428-2010-068-09-00-5, p.11, *grifo nosso*).

O MPT encontrou também na investigação o descumprimento da legislação trabalhista representado de inúmeras formas como: através da não concessão de repouso semanal remunerado, horas extras não pagas, intervalos intrajornadas e interjornadas irregulares, combinada com a alta repetitividade (até 2 vezes mais movimentos/minuto do que o considerado seguro), inadequação do mobiliário, pressão por produção, ambiente artificialmente frio, etc. Tais condições de trabalho têm levado os trabalhadores ao adoecimento físico e mental (Tabela 2).

Tabela 2 – Trabalhadores da Sadia de Toledo (PR) acometidos por Doenças Osteomusculares (CID-M) e Transtornos mentais (CID-F) 2006-2008

ANO	BENEFÍCIOS PREVIDENCIÁRIOS CONCEDIDOS (GRUPOS M E F)
2006	235
2007	208
2008	217
TOTAL	660

Fonte: ACP nº nº01428-2010-068-09-00-5. Organização do autor.

Esse período curtíssimo de tempo resultou em alto número de benefícios previdenciários concedidos, pois pelo menos um trabalhador por dia, nos três anos da amostra, recebeu algum benefício por doença osteomuscular ou transtornos mentais.

Observa-se também que a média de trabalhadores acometidos por transtornos osteomusculares (CID grupo M) e mentais (CID grupo F) é de 220 ao ano. Numa analogia estatística se pensarmos nessa média com o total de empregados hoje na empresa (cerca de 7400), demonstra que em 10 anos 2200 pessoas podem ter benefícios concedidos por doenças osteomusculares e mentais se as tendências se confirmarem.

Isso equivaleria a cerca de 30% dos funcionários (hoje) da Sadia.

Portanto, através das informações levantadas é possível perceber que há um adoecimento generalizado no setor frigorífico. Desde a escala internacional, passando pelos frigoríficos brasileiros até a Sadia em Toledo (PR). São *territórios de degradação do trabalho* onde a experiência de se empregar nesse tipo de atividade pode trazer consequências irreversíveis para a saúde e vida dos trabalhadores. Por isso, tem razão Sardá (2009) quando afirma que estamos a consumir produtos fruto de sofrimento humano. Sofrimento que poderá ser exposto através das narrativas dos trabalhadores a seguir.

Os “resultados” do emprego em território fabril na perspectiva dos trabalhadores: incapacidades, doenças incuráveis e muito sofrimento...

As narrativas dos trabalhadores que entrevistamos são imprescindíveis para demonstrar a degradação do trabalho e dar voz a estes sujeitos que vivem/vivenciaram o emprego na Sadia em Toledo (PR).

Paula²¹ que trabalhou na evisceração de frangos na Sadia demonstra a repetitividade e como não aguentava “pegar” os corações da nórea²².

(...) teve semanas que a gente perdeu coração assim a semana inteira *porque a gente não aguentava pegar tantos ganchos que passava aí o que aconteceu aí o supervisor chama lá pra perguntar o que está acontecendo, porque que está acontecendo isso, porque está perdendo tantos miúdos, que o coração é um produto caro que é exportado não pode perder (...)* (Entrevistada, Paula, *grifo nosso*).

Paula, que hoje está afastada do trabalho, demonstra através da sua narrativa como o ritmo de trabalho no território fabril é intenso, repetitivo e com muita pressão por produção. O fato de não aguentar pegar corações de frango pela velocidade da nórea expressa também o risco do adoecimento físico e mental, representado pela fadiga em não conseguir exercer a função. Os movimentos repetitivos realizados por Paula e inúmeros outros trabalhadores do setor no Brasil, podem ser dimensionados a partir do que discutimos no tópico anterior: acima dos padrões considerados seguros para a manutenção da saúde dos trabalhadores.

Essas informações confirmam que Paula não está “inventando história”. E o problema de adoecer no trabalho vai muito além das informações já expressivas. Na situação de Paula existem muitos outros que ouvi na pesquisa, sejam eles homens ou

²¹ Conforme documento entregue aos participantes da pesquisa, seus nomes não seriam revelados. Portanto todos os nomes utilizados são fictícios.

²² Espécie de gancho que carrega os frangos na linha de produção.

mulheres que laboraram no território fabril da Sadia. As dores (que dificultam o sono, etc.), queimações nos braços, cansaço, que são sintomas de LER/DORT (MAENO, 2001), são o resultado do trabalho em território fabril.

Nas palavras da trabalhadora Lúcia: “menino eu tava ao extremo mesmo, eu tava que eu não aguentava mais, sabe o que é você sentir dores 24 horas por dia?”. Carlos também tem diagnóstico parecido, pois sentia dores e “queimava nos lados assim né, no braço”. Joana argumenta “as mãos da gente formiga eu chegava em casa sentindo as mãos formigar, formigar, parecia que tinha um monte de bichinho andando na minha mão (...)”. Fabrício “(...) sentia um pouco de dor, mas não ia atrás né, fui deixando, fui deixando até chegar onde chegou né, quando eu fui pro médico fui pra fazer cirurgia já (...)”. Cláudia, “(...) eu tenho tendinite nos nervos, tem que operar e eu não aguento de tanta dor, dias e noites sem dormir (...)”. Fernanda diz que antes da Sadia “eu nunca reclamei de dor em perna, dor no corpo nada (...)”. José: “hoje eu vivo praticamente 24 horas com dor (...)”. Elis, se referindo aos braços “dói, amortece, começa a formigar é feio (...)”. Roberta: “daí foi começando a doer minha coluna, começou a doer, doer, doer até que daí apresentou uma lordose, da lordose daí foi pra uma hiperlordose daí já começou a doer mais (...)”. Teresa, “dor, dor nos braços e nos ombros né, sentia nos ombros, a minha parte é nos ombros e nas mãos aí por último começou a dar problema nas mãos (...)”. Flávia, diz que o trabalho puxado e repetitivo resultou nas inúmeras lesões, “tanto é que eu peguei todas essas lesões que eu to hoje é nos ombros (...)”. Ela recebe pensão vitalícia conquistada na justiça por seus problemas serem crônicos e sem cura.

E o adoecimento após a experiência de trabalhar na Sadia não se resume aos impactos físicos, mas também mentais. E, na visão do MPT, existe o nexo causal entre as atividades desenvolvidas pelos trabalhadores em território fabril com o adoecimento mental como consta na ACP²³.

Um caso é relatado pelo representante da Associação dos Portadores de Lesões por Esforços Repetitivos (AP-LER). Segundo ele existem associados com problemas mentais. Um destes, por exemplo, hoje está há mais de 10 anos afastado para tratamento de esquizofrenia. Ele teve esse adoecimento por causa da pressão que a Sadia fazia para atingir a exportação: “(...) o cara ficou querendo se suicidar trabalhou dez anos e aí já

²³ “O nexo causal entre as condições de trabalho e os transtornos mentais que acometem os trabalhadores é presumido, inclusive em relação aos casos de depressão (CID F32), às atividades econômicas da ré (CNAE 1012)” (ACP nº01428-2010-068-09-00-5, p.109).

está uns dez anos afastado pra tratamento de esquizofrenia nem na AP-LER não voltou mais (...)” (Entrevistado, Representante da AP-LER).

Ou ainda no depoimento da trabalhadora Aparecida, que além de tendinite e bursite, adquiridas no trabalho, teve síndrome do pânico. Como ela mesma relata:

(...) que nem uma época quando eu tava boa até falei pra ele (*filho*) assim na época de férias era trinta das trinta eu pegava vinte só pra não pegar trinta que eu gostava né daquilo que fazia, *só que depois eu comecei a sentir dor, humilhação também né* (...) que *meu chefe começou a encher o saco aí atacou o pânico também*, através disso atacou o pânico, eu comecei, eu ia lá falava que, tinha médico que falou pra mim, o perito falou pra mim que eu não tinha nada, mesmo com o exame, aí eu comecei né, imagina, aí já começa a cabeça, começa você tá com dor tá vendo que não pode trabalhar ali. Aí chega uma hora que você (...) (Entrevistada, Aparecida, *grifo nosso*).

Do relato de Aparecida, apreendemos uma dimensão mais ampliada do problema: a condição de sentir dor não foi suficiente para convencer médicos e peritos do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). Essa é uma prática recorrente que causa muito sofrimento aos trabalhadores, pois além de adoecerem no trabalho ainda sofrem com as dúvidas dos médicos da empresa, chefes de setor (supervisores, operadores) e peritos do INSS.

Mas, será que mesmo os dados para a mesma empresa, disponibilizados pelo MPT, não dão conta de mostrar que o adoecimento tem nexos com o trabalho? Ora, segundo o procurador do trabalho Sandro Eduardo Sardá, entre 2003 e 2007, **a Sadia pagou cerca de R\$ 40 milhões em impostos** para o Instituto Nacional de Seguro Social, **e no mesmo período o INSS pagou em benefícios aos trabalhadores da empresa quase R\$140 milhões** (MPT-RS, 2009, p.5).

Este déficit significativo aos cofres públicos não são representativos de que o adoecimento no setor é um grande problema de saúde pública? Ora, não se gera um déficit de R\$100 milhões à Previdência Social pressupondo que os trabalhadores estão mentindo sobre suas doenças ou das condições de trabalho impostas a estes. Ou será então que é “mentira” de cerca de 23% da mão de obra nacional que está afastada ou no aguardo de decisões judiciais?

Obviamente, pensamos que o adoecimento é a marca de um trabalho que cobra dos seus trabalhadores movimentos extremamente repetitivos, muita pressão para o cumprimento de metas de produção em ritmos de trabalho alucinantes. Isso faz com que Paula (e outros milhares nesse país), não consiga “pegar corações na nórea” tendo de se afastar do trabalho, ou ainda, em casos muito graves, tenham que se aposentar por invalidez. Temos constatado na pesquisa que os movimentos repetitivos, a pressão por

produção, o ritmo de trabalho extremamente acelerado, estão presentes em todos os setores da Sadia de Toledo e outros frigoríficos brasileiros, colocando em risco a saúde e vida dos trabalhadores em detrimento do lucro a qualquer custo.

João, que trabalha ainda hoje na Sadia e nos concedeu entrevista no dia 10 de fevereiro de 2012, demonstra a velocidade desumana que tem de dar conta diariamente no frigorífico de aves da Sadia:

Lá no cone²⁴ não muda muito né, cada um tem a sua tarefa pra fazer né, que nem a minha tarefa é meia hora eu penduro frango nos cones 38 por minuto (...) que daí eu retiro asa e refilo peito e esses daí também é 38 por minuto, é a mesma meta (Entrevistado, João, grifo nosso).

E, o resultado dessas condições de trabalho são as incapacidades para o trabalho, as constantes dores e as doenças incuráveis que impactam na vida desses trabalhadores. Tarefas habituais como varrer uma casa, segurar um filho no colo, segurar um copo, segurar uma bolsa, lavar roupa, hoje já não são mais possíveis devido às doenças que os acometem. Há casos em que os trabalhadores dizem conviver com dores constantes todos os dias. Como seguem em algumas narrativas obtidas na pesquisa:

(...) os tendões, meus tendões tem aqui um pino assegurando eles, aí era muito peso que eles davam daí ele não aguenta, se eu pegar uma sacola de dois quilos eu não aguento, de noite eu não durmo de tanta dor (...) (Entrevistada, Cláudia, grifo nosso).
(...) aí foi isso, me deu uma dor nos osso que eu não aguento, mas dói tanto sabe meu osso que eu não aguentava nem ficar sentada, nem em pé de tanta dor que eu tinha, eu chorava de dor (...) (Entrevistada, Cláudia, grifo nosso).

(...) eu não sei o que é viver tem dia eu não sei cara eu gritava de dor eu ficava assim ó de meio da semana assim domingo segunda andando na sala gritando de dor, chorando de dor, de tanta dor, tanto medicamento que eu tomava e não cortava minha dor (...) (Entrevistado, José, grifo nosso).

(...) é complicado cara porque meu Deus eu estou numa vida eles sabem aí ó dor, dor, dor, dor, cara que “vish” eu passei dias aí ó andando aí cara gritando de dor assim que eu falava, que eu pedia a morte de tanta dor que eu tinha eu chegava na Sadia e os médicos mesmo o doutor (X)²⁵ eles dizem que no meu caso não tem o que fazer (...) (Entrevistado, José, grifo nosso).

(...) tinha dia que eu chegava em casa quebrada não conseguia fazer nada, dormir mesmo eu tinha que dormir a base de remédio tanto que quando eu encostei no primeiro ano que eu fiquei afastada eu tomei remédio controlado durante um ano pra eu poder dormir eu não conseguia dormir por causa das dores (Entrevistada, Paula, grifo nosso).

Isso demonstra que os impactos da doença atingem a esfera da vida dentro e

²⁴ Na esteira existem espécies de cones onde você pendura o frango. Esse é o setor de cones no frigorífico de aves.

²⁵ Preferimos não divulgar o nome dos médicos também.

fora do trabalho²⁶, numa dimensão em que a degradação do trabalho impacta no cotidiano destes trabalhadores. Portanto as sequelas do emprego em frigoríficos acompanharão muitos dos nossos entrevistados até o final das suas vidas, pois, em muitos casos, são doenças crônicas incuráveis.

Mas, os problemas não param por aí. Na condição de invalidez para o trabalho resta aos trabalhadores os medicamentos que aliviam as suas dores. Mas, estes dão apenas sensações de alívio parciais. Os remédios que os trabalhadores têm de tomar frequentemente como anti-inflamatórios e casos até de morfina para tentar aliviar as dores estão em parte materializados na (Figura 2²⁷).

Figura 2 – Remédios consumidos por um trabalhador



Fonte: Pesquisa de Campo, Janeiro à Março de 2012.

O consumo frequente destes medicamentos induz a outros problemas. Com o passar do tempo às doses de remédio vão aumentando para amenizar as dores. Isso leva a problemas de estômago, como por exemplo, a gastrite. Angela demonstra isso na sua fala:

(...) e hoje em dia você toma remédio pra uma coisa o médico dá o remédio te atrapalha outra você não sabe o que você faz (...) se eu tomar esse remédio eu fico, ele é muito forte, *eu to com problema no estômago de tanto comprimido que eu já tomei, meu estômago tá cheio de ferida dentro* (...) eu tenho que fazer o tratamento junto com o gastro só que pra mim ir atrás de gastro, atrás de ortopedista e atrás de remédio e Sadia, tá sendo complicado pra mim é muito e quem banca? (Entrevistada, Angela, grifo nosso).

²⁶ Usamos essa terminologia para expressar que as doenças e os acidentes incapacitam os trabalhadores dentro da fábrica devido às condições degradantes de trabalho e impactam na sua vida dentro e fora do trabalho no seu cotidiano, nas tarefas habituais, etc.

²⁷ Capturada com autorização do trabalhador.

Assim, a partir das narrativas dos trabalhadores, percebe-se a imposição de um ritmo de trabalho desumano que adoece muitos destes. Mas, o trabalho que adoece físico-mentalmente, muitas vezes não tem seu nexo reconhecido por peritos do INSS, como também pelos médicos da empresa, supervisores e gerentes. Entretanto, os trabalhadores entrevistados relatam que, mesmo que o nexo não seja reconhecido, o fato é que eles sentem dores e afirmam que isso ocorreu por causa do trabalho desempenhado.

As estatísticas apresentadas demonstram que o emprego em frigoríficos pode adoecer os trabalhadores em várias escalas territoriais, desde o caso americano citado até os vários casos brasileiros. Isso ajuda os trabalhadores nas suas narrativas que mesmo não reconhecidas por vezes pelos peritos, médicos, supervisores e gerentes, coloca em dúvida se estes não estão tendo condutas inadequadas no que se refere ao adoecimento dos trabalhadores.

Considerações Finais

Pelo exposto no texto, estamos entendendo os frigoríficos que abatem/processam a carne de frango e suína, enquanto *territórios de degradação do trabalho*, pois os trabalhadores estão adoecendo desde o Brasil até os Estados Unidos.

Portanto, se alguns representantes do capital tem se empolgado com as estatísticas positivas de produção, exportação e empregos nas atividades frigoríficas no Brasil, qualificando isso de “desenvolvimento”, na perspectiva dos trabalhadores que vivem/vivenciaram esses ambientes de trabalho hostis, a história é outra: se empregar em tais atividades pode significar o encontro com mutilações, doenças ocupacionais e até a morte²⁸.

Assim, é extremamente pertinente o que nos diz Joana sobre a Sadia de Toledo (PR) “(...) ali não é um açougue de carne, ali é um açougue de gente”. É o mesmo que expõe um trabalhador ao procurador Sandro Eduardo Sardá: “os trabalhadores é que estão sendo desossados não os frangos²⁹”.

²⁸ Como é o caso de Halan Faber Nascimento de apenas 20 anos que em 24 de novembro de 2011 morreu na Sadia em Toledo (PR). Ver link: <<http://catve.tv/noticia/6/18671/dia-de-sensibilizacao-sindicatos-alertam-contracidentes-de-trabalho>> (Acesso em: 15/06/2012). Na matéria pode se constatar o depoimento da mãe de Halan, a senhora Maria Elza Ramos da Silva, que diz que o próprio filho, antes de morrer, havia dito que o elevador estava com problemas.

²⁹ Apresentação de trabalho do procurador à Delegacia Regional do Trabalho de Porto Alegre intitulada, Meio ambiente de trabalho em frigoríficos, em novembro de 2009.

Por isso, pensamos que pelo exposto foi possível alcançar o objetivo de mostrar a degradação do trabalho nos frigoríficos e seus impactos na saúde e vida dos sujeitos que trabalham. Com isso, queremos também dar visibilidade a essa realidade de adoecimento, que assegura lucros para grandes corporações a custa de mutilações, acidentes e doenças para a classe trabalhadora.

Portanto, cremos que as doenças que acometem esses trabalhadores, assim como de muitos outros setores da economia, não são meros frutos do acaso, mas sim, das imposições hierárquicas surgidas no decorrer da história, que reduziram o trabalho a mera mercadoria vendável, que István Mészáros chamou de mediações de segunda ordem. Disso, decorrem os inúmeros adoecimentos, pois o trabalho que é condição ontológica do ser social, foi reduzido a mera mercadoria, que precisa empregar os braços e mentes para assegurar a reprodução do capital, não importando se isso impactará na saúde de um conjunto de homens e mulheres.

Assim, concordamos com Franco et. al. (2010) quando afirmam as autoras que o capitalismo é um padrão civilizatório incapaz de incorporar os limites humanos (saúde física e mental) e da natureza, uma sociedade que alimenta forças destrutivas da vida e não o contrário, por sua perspectiva de dominação, controle e apropriação. E, é por essa via da irreformabilidade do sistema metabólico do capital que pensamos na “(...) necessidade de se pensar alternativas radicais ou que coloquem outro horizonte histórico, para além do capitalismo e do metabolismo societário do capital” (THOMAZ JÚNIOR, 2011, p. 307). Do contrário, continuaremos a constatar as tristes realidades da degradação do trabalho!

Referências

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. 1 ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999, p. 264.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA PRODUTORA E EXPORTADORA DE CARNE SUÍNA. Exportação brasileira de carne suína. Disponível em: <http://www.abipecs.org.br/pt/estatisticas/mercado-externo/exportacoes.html>. Acesso em: 22, ago.,2012.

CINTAS, M. D. Trabajadores en el matadero: la seguridad y salud en la industria cárnica y avícola norteamericana, una asignatura pendiente. Publicado em: 06/06/2011. Disponível em: <http://www.periodistes.org/entblog/44876>. Acesso em: 22, ago.,2012.

COMPA, L. **Blood, sweat, and fear:** workers’ right in U.S. meat and poultry plants [Eletronic Version]. New York: Human Rights Watch, 2004. Disponível em: <http://digitalcommons.ilr.cornell.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1333&context=articles>. Acesso em: 22, ago. 2012.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Central de Informações de Aves e Suínos. Disponível em: <http://www.cnpsa.embrapa.br/cias/dados/mapa.php>. Acesso em: 22, ago., 2012.

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ. **Trabalhadores de frigoríficos buscam aprovação de NR.** Notícia de 29/09/2011. Disponível em http://www.ftiapr.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=428:trabalhadores-de-frigorificos-buscam-aprovacao-de-nr&catid=46:saiu-na-imprensa. Acesso em: 22, ago., 2012.

FRANCO, T. DRUCK, G. SELIGMANN-SILVA, E. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v.35, n.122, p. 229-248, 2010.

GRAIN. **La enorme industria de la carne crece por el Sul.** Notícia de 14/10/2010. Disponível em: <http://www.grain.org/article/entries/4092-la-enorme-industria-de-la-carne-crece-por-el-sur>. Acesso em: 22, ago. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Base de dados agregados (SIDRA) Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (2011). Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=1093&z=t&o=24>. Acesso em: 22, ago., 2012.

JACOBS, M. M. (et.al.) Safe food from workplaces: protecting meat and poultry workers. In: KRIEBEL, D. JACOBS, M. M. MARKKANEN, P. TICKNER, J. (orgs.). **Lessons Learned:** solutions for workplace safety and health. Lowell: University of Massachussets – Lowell Center of Sustainable Production, 2011, p. 99-117.

LOURENÇO, E. A. S. **Na trilha da saúde do trabalhador:** a experiência de Franca. 1. ed. Franca: UNESP, 2009. p. 400.

MAENO, M. **Cadernos de Saúde do Trabalhador:** Lesões por esforços repetitivos – LER. São Paulo: Instituto Nacional de Saúde no Trabalho (INST), 2001, p.27.

MARX, K. **O Capital:** crítica da economia política. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. p. 496.

_____. **Manuscritos econômicos filosóficos.** 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, p.176.

MÉSZÁROS, I. **Para Além do Capital:** rumo a uma teoria da transição. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. p. 1104.

_____. **Estrutura social e formas de consciência:** a determinação social do método. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009. p. 312.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Relação Anual de Informações Sociais. Disponível em: < <http://portal.mte.gov.br/rais/estatisticas.htm>>. Acesso em: 22, ago., 2012.

NOTÍCIAS DA PROCURADORIA REGIONAL DO TRABALHO DO RIO GRANDE DO SUL. **Inferno Frio: a vida por trás da linha de produção dos frigoríficos.** Porto Alegre: Ministério Público do Trabalho, v. 9, n.3, out-dez. 2009.

PREVIDÊNCIA SOCIAL. Anuário Estatístico de Acidentes de Trabalho – AEAT Infologo (base de dados históricos de acidentes de trabalho). Disponível em: <http://www3.dataprev.gov.br/aeat/>. Acesso em: 22, ago., 2012.

SARDA, S. (et.al.). Tutela jurídica da saúde dos empregados de frigoríficos: considerações dos serviços públicos. **ACTA FISIATRÍCA**, v. 16, n.2, p.59-65, 2009.

_____. **Meio ambiente de trabalho em frigoríficos.** Apresentação Delegacia Regional do Trabalho. Porto Alegre: DRT, novembro de 2009.

SILVA, M. A. M. A morte ronda os canaviais paulistas. **Revista da Abra**, v.33, n.2, p.1-25, ago/dez, 2006.

THOMAZ JÚNIOR, A. Intemperismo do trabalho e as disputas territoriais contemporâneas. **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 1, número especial, p. 307-329, out. 2011.

UNIÃO BRASILEIRA DE AVICULTURA. Informe da UBABEF dados do setor. Disponível em: <<http://www.abef.com.br/ubabef/exibenoticiaubabef.php?notcodigo=3148>> (Acesso em: 22/08/2012).

VENCO, S. Quando o trabalho adoece: uma análise sobre o teleatendimento. **Interfacehs**, v.3, n.3, p. 1-18, ago/dez, 2008.